

ACM lança ofensiva pelo Senado

Candidato do PFL ameaça hegemonia peemedebista e disputará no plenário a sucessão de Sarney

RITAMARIA PEREIRA

A candidatura do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) a presidente do Senado, que ele mesmo classifica de "irremovível", e a decisão do PMDB de fazer valer a praxe da casa, que é reservar ao maior partido aquela cadeira, poderá levar a Câmara Alta a registrar na sua história uma disputa em plenário que não aconteceu nos últimos 50 anos. Se isso se concretizar, os mais antigos senadores acham que o resultado será imprevisível uma vez que essa eleição é por voto secreto, o que por si permite liberdade para

traições, além de inviabilizar, nessa hipótese, qualquer tipo de composição para os demais cargos da mesa. O assunto, que já esteve na ordem do dia das conversas políticas no plenário, agora é tratado com muita reserva. A hora não é de falar, recomenda um experiente senador, pois esse é um jogo de xadrez para pessoas experientes, acrescenta. Outros, como

ele, lembram que no Senado "para quem tem posição ambiciosa, a carreira é curta". Tudo porque a casa vive de composição e só faz prosperar "os políticos com os pés no chão" como definem os conhecedores da mecânica de funcionamento da casa. E rejeita, por outro lado, "os que têm a cabeça nas nuvens".

Ninguém entre os experientes admite que as referências se dirigem ao senador Antônio Carlos. Todavia, é também praxe no Senado que a presidência seja destina-

da a alguém com mais da metade dos oito anos de mandato cumprido. E o político baiano ainda vai completar dois anos em fevereiro. Outro complicador é que a convivência entre os senadores é pacífica, induz a entendimentos que exijam muitas horas de conversa. O que não é comum são embates entre eles sob qualquer questão. Magalhães já quebrou essa forma amena de convivência, que vale até entre adversários, em três episódios que são sempre lembrados pelos que fazem reservas à sua candidatura. Ele agrediu fisicamente o senador Ney Suassuna (PMDB-PB), foi descortês com a senadora Marina

Silva (PT-AC) e com o senador Pedro Simon (PMDB-RS) por questões que, de acordo com seus colegas, teriam solução com uma boa dose de serenidade e diálogo.

Metodologia - De qualquer modo, o senador já demonstrou que tem metodologia própria. Foi com o anúncio da candidatura que gerou o clima atual de cautela com que os demais abordam a sucessão do

presidente José Sarney. ACM conseguiu ampliar seus domínios nos últimos dias quando o senador Hugo Napoleão (PFL-PI) desistiu de disputar no partido a indicação para a presidência e preferiu apoiar seu colega baiano. E Elcio Álvares (PFL-ES), apontado como forte concorrente dele no PFL, nada fala sobre sucessão.

ACM também fez uma aliança com o prefeito Paulo Maluf (PPB), o que pode interferir na correlação de forças do plenário.

**trito com colegas
tira pontos de
ACM na sua luta
para conquistar a
presidência do
Congresso, apesar
do apoio dos
aliados de Maluf**



Francisco Marques

ACM enfrenta a oposição dos que defendem um nome com mais tempo de Casa para assumir o Senado